

Mário Castelhano
esboço biográfico

N61/C.41

à memória dos quatro
lutadores da causa libertária: Pedro Santos Filipe,
Abílio Augusto Reschiar, Arnaldo Simões Yammúcio
e Mário dos Santos Castelhano; que no Campo
de Concentração do Tarrafal, perderam a vida.
Sentida homenagem
aos mortos.

Proêmio

Trabalho difícil este, que nos propusemos
realizar: escrever sobre um amigo que em toda
a sua vida teve atos e atitudes dum eleva-
do nível, dum nobreza de carácter pouco
vulgar. É, de facto, uma tarefa que, dado as
trabalhas já decorridas após a morte desse
amigo, se nos torna bastante pesada.
A elaboração de vinte e um anos, na luta
em defesa da Liberdade e das reivindicações
do proletariado, e ainda a elaboração de ideias
e sincera amizade que occupam os nossos
são o suficiente para nos impôr o dever de
escrever o esboço da sua biografia, não só para
as que o não conheceram na intimidade,
mas também para aqueles que, lutando ao
seu lado recordem com saudade a figura mo-
ral que perderam.

Mário Castelhano não teve na sua vida
um acto que pudesse ser considerado meua
digno, uma atitude meua correcta.

Depido de vaidade, alheio ás ambições tão
vulgares no género humano, entregou-se com-
pletamente ao ideal de perfectibilidade humana.
A morte a juvenia, mas esta meua lhe
serviu de obstáculo à realização das meua
aspirações.

Mário era o doutrinario, o organizado, o
lutador. No gabinete transmitia ao papel todas
as meua ideias e estudos, apresentando-me depois
a discussão das meua causas. Bem a cam



18
Como se trata dum simples esboço biográfico,
e dudo que não possuímos aqui elementos para
o ampliar como era nosso desejo, aqui fica, creemos,
o suficiente para que se fique conhecido a tenaci-
dade do lutador que se segue.

Teve uma vida agitada e de constantes preocu-
pações. E no fim mais com as injustiças, de que foi
vítima por parte das pessoas que se diziam concientes,
do que com as insulcias dos governantes, por que
estas eram a resultante da sua própria luta.

No capítulo seguinte analisá-lo-emos como
idealista.

Mário anarquista

#61 / C. 41

Dizer que Mário Castilho era anarquista,
não é uma afirmação que possa sofrer, com proprie-
dade, qualquer contestação séria.

Não era dotado que para desejar um ideal precisava
afirmar constantemente que o defendeu. Pelo contra-
rio, deixava aos outros o julgamento pelos seus actos.
Só os entendem que se preciso alardear pela pala-
vra, a propósito de tudo e de nada, que defendeu
esta ou aquela ideia, dando-nos a impressão de
que os seus actos e atitudes não são o suficiente
para que sejam considerados como tal. Mário
tinha a preocupação de que os outros, analisando
as seus actos e prontas de vista, que teriam o bra-
damente apresentara, o considerassem o que na
realidade era - anarquista. Foi assim que o conhe-
cemos.

Não se impõe das considerações que fizemos,
que Mário tenha horror à afirmação. Não. Mário, sempre
que reconhecia a necessidade de imental ter a sua
qualidade, e para que não restasse a menor dúvida
nos que o espreitavam, afirmava-se anarquista duma
maneira bastante clara.

Seja anarquista por sentimento ~~ou por convicção~~
~~mentem~~ por inteligência, entendia ser necessário,
para que esse ideal penetrasse no cérebro dos traba-
lhadores, a propaganda se fizesse, quer pelos orga-
nismos anarquistas, quer pela organização sindical,
baseada nos princípios federalistas. Os fundamentos
desta opinião que ele defende com ardor a entre-
da dos anarquistas nos sindicatos, dando assim a
sua colaboração à organização sindical. Era nos
sindicatos, dizia, que os anarquistas podiam de-
monstrar a sua capacidade organizadora, contri-
buindo para que os trabalhadores, a medida que
fossem adquirindo por intermédio do seu sindi-
cato uma melhor situação económica, conseguis-
sem também uma mais sólida consciência de re-
volucionária no sentido federalista. Afirmava
ser aos anarquistas que complica, por meio da sua
propaganda, defender a organização sindical das
influências políticas partidárias. Foi esta forte
convicção que o levou a auxiliar sempre as organiza-
ções sindicais, onde prestou relevantes serviços, que
jamais podem ser esquecidos.



Todos que conviviam com Mário tiveram ocasião de conhecer a sua concepção de solidariedade. Em este aspecto ele era o verdadeiro anarquista. Era ele que, onde quer que se encontrasse, tomava a iniciativa de se criarem comissões para esse fim. Contribuía por vezes com importâncias superiores ás suas possibilidades. Quantas e quantas vezes não deu ele, nas ruas de Lisboa, todo o dinheiro que possuía nos bolsos aos camaradas necessitados que lhe apereciam?

Quando qualquer camarada, que não possuía condições, se encontrava desempregado por falta de trabalho ou devido ás perseguições do patrão, Mário procurava logo um grupo de amigos que se cotizasse a fim de lhe prestada a solidariedade ao referido camarada.

Devido ás condições económicas da família, teve, na prisão, condições para viver melhor do que a maioria dos seus camaradas. Apesar disso, nunca comparou nada especial para si, susceptivo de ao rancho, que muitas vezes evitava de comer para não agravar a doença de intestinos de que há muito sofria. Se por vezes lhe diziamos que comprasse alguns alimentos em substituição do rancho, por este não ser aconselhável ao seu padecimento, respondia-nos que também o não era para a maioria, e que tudo isto não era de o comer por não ter possibilidade de comprar outra coisa.

3. Um dos alimentos especiais que lhe compramos (e que é especial se lhe pode chamar) era um leite com um copo de leite, e mesmo isso fazia-o com o cuidado por meu todos os seus camaradas o procuravam obter.

A maior parte da importância, que geralmente recebia, empregava-a na solidariedade aos seus camaradas.

Defendeu sempre o principio de que a solidariedade deve ser prestada voluntariamente sem o menor constrangimento, pois só desta forma a comprehendia.

A sua grande preocupação era a de indagar das necessidades dos seus camaradas doentes, para que não lhes faltassem as coisas mais indispensáveis. Sempre que encontrasse essas necessidades, tratava imediatamente de as satisfazer.

Defendeu com tenacidade os organismos de solidariedade, e, onde quer que se encontrasse, fazia propaganda para o seu desenvolvimento.

Não concebia que um militante não tivesse a verdadeira noção dos deveres de solidariedade, expandindo o libertário. Quando se referia á solidariedade, dizia: "As nossas deusas são, precisamente, a caridade, a solidariedade; logo, as que a desprezarem, não podem esquecer-se. Se o fizerem ou não procederem como pensam ou pensarem erroneamente."

ser ni dabe todas as opiniões, reputava como
aquele mator coarctante as opiniões discordantes,
respeite como a máxima tolerância. Necessaria todas
as sugestões justas, partisseu elas do onde partisseu,
de admissões ou de careligionários. Uma vez que
erraz sugestões ti versem em vista os interesses
dos trabalhadores, não devia, em sua opinião,
ser desprezadas.

Os seus métodos organizativos eram bem
recolidos, pois não despregava o mais insignifi-
cante para nenhum.

Na ocasião, nunca deixou de aparecer de
as necessidades da luta exigiam a sua presença.
Suando se tratava de efectuar qualquer trabalho,
Mário reservava sempre para si o mais espinhoso,
o mais perigoso.

Não vacillava perante o perigo: onde chegasse
uma batalha, ele tambem podia chegar lá.

Não conhecia a escuridão, e afirmava, se um
deperdo real perdese a vida, tinha cumprido
o seu dever.

Mário Bartelham morreu no momento em
que meivos se esperava. Possuia uma grande
resistência moral, sempre animado e esperançoso
do em ver o proletariado conquistar mais
liberdade e melhor situação económica, tendo
por finalidade a sua integral emancipação.

O seu maior desgato era o não conhecer
todas as pequenas da guerra civil espanhola,
o decorrer da luta e as causas da sua perda.

A esperança sempre crescente era a de um
dia ler tudo quanto se tivesse escrito e niene
a escrever sobre a citada guerra. Nunca quis
disentir as a contestamentos por não possuir
elementos, e por isso não emitia sua opinião
nião que amaria ter-se de rectificar.

A guerra actual tambem o preocupava bas-
tante, vivendo curiosamente para obter impac-
tuantes no sentido de saber as causas das in-
felicidades atitudes tomadas pelas nações, o que
infelizmente não conseguia.

O que o lutar vai ter é a desercão sim-
ples e real, fucha de auctoritaria, e certo, mas
sem exageros nem faltarias.



Mário periclitou os estabelecimentos de ensino
até aos catorze annos.

As dificuldades económicas de seus pais obrigava-
no, embora contra a vontade deste, a abandonar os
estudos para escolher uma profissão, com a remun-
eração pudesse auxiliar sua familia.

Mário, entre tres irmãos, mais velho, era
em repalho mais caminhos de ferro da C.P. escolheu
esta profissão tambem para si. Por esse motivo, quando
entrou para a Companhia em seu praticante de factar,
o que teria de estar seis meses sem ordenado,
entrou com ordenação do telegrapho. Deixou-se
ao estudo dos serviços ferroviários, e, em pouco
tempo, habilitou-se a concorrer ao concurso para
aspirante a factar.

Não admitiu a influencia dos irmãos a fim-
de, como da, irar bem no concurso, pois só queria
o lugar obtido pelos seus conhecimentos profissio-
nais.

Quando aspirante para a estação de Beaufort
ali desempenhara as suas funções, cabalmente, estu-
dara tudo que dizia respeito ao seu futuro de promovi-
do, e, dentro de seis annos, foi promovido a factar
de terceira classe para a estação de Alcantara Mar.

Quando foi promovido a factar de 2ª classe para
a estação de Santa Apollonia, estação de grande movi-
mento e onde os factores eram fucados a uma vida
de constantes deslocaamentos para as estações da linha,
resolheu por este facto concorrer ao concurso de uma
nuoveza para as ferrovias castrais.

Foi para a distribuição do pessoal da exploração
(serviço de contabilidade). Obteve ali as suas funções
ato outubro de 1920, tendo nem a altura a categoria
de empregado de 1ª classe.

grava, imiti do seguinte anno, quando terminou a
de estado, retirou muitas das regalias ao pessoal,
que tinha sido concedido pela fôrça armada.

Terminado o conflicto, a Companhia começa
por fazer exigências ao pessoal, entre ellas, a de
assinatura dum contrato de trabalho, que Mário
considerou atentatorio a sua dignidade, e
por isso se recusou a assiná-lo. Os seus chefes
de serviço, bem como os seus companheiros,

defendeu com dedicação a união do proletariado dentro da C.G.T., e muito embora se esforçasse para evitar a cisão, na qual não tivera qualquer responsabilidade, não o conseguiu.

Estava integrado nos princípios da Associação Internacional dos Trabalhadores por reconhecer que este organismo era o que melhor interpretava as necessidades do proletariado, ~~em oposição à~~ ~~organização~~

com relação à transformação social, era de opinião de que a organização sindical competia a despeito de um importante papel no terreno industrial, dirigida que as questões técnicas só ela estaria apta a resolver, reservando para as Comunas a missão da distribuição dos produtos de consumo e a orientação das restaurações, incluindo a parte política da nova sociedade.

Em seu pensamento encontramos bem definido em todos os seus escritos. Estava, portanto, integrado nos aspectos expostos por Pierre Besnard nos seus livros "Os Sindicatos, Operários e a Revolução Social" e "O mundo novo", o primeiro dos quais está editado em português.

Mário escreveu um livro em 1931, ornado de uma situação política existente em Portugal, não foi possível publicá-lo neste livro, sendo um livro de combate à ditadura, e ao mesmo tempo uma manifestação do seu valor mental e revolução na mão.

Sempre coerente com as seus princípios, defendia a completa independência, quer da organização anarquista, quer da sindical, preconizando uma ação conjunta, mas sem interferência.

Nos debates de opiniões em que tomava parte, nunca perdeu a serenidade; usou sempre de tolerância para com os adversários, apresentando argumentos contra argumentos. Nunca fez ataques pessoais, e afirmara que, para combater idéias, não era digno que um revolucionário usasse de tais processos.

Seu espírito justo não lhe permitia que ficasse silencioso perante uma calúnia. Sempre que fosse formulada uma acusação a qualquer organização ou indivíduo, não dava a sua opinião sem vertigar primeiro de veracidade da mesma.

Respeitava a dignidade alheia, como se fosse sua; era animi que, em sua opinião, deviam proce- todos os revolucionários, em especial os anarquistas.

* * *

Lamentamos não possuir neste momento todos os escritos de Mário Castelhano para podermos desenvolver, como seria nosso desejo, este capítulo. Possim apenas se ia melhor até onde chegavam as suas amplas concepções. Porém, temos nos de vergar penurte as realidades e aguardar outra oportunidade para ampliarmos o presente trabalho no sentido de que ele corresponde melhor aos nossos desejos.



20. Ainda sobre a solidariedade, escreveu um folheto no qual sintetiza bem o seu pensamento. Mas, não era só a solidariedade material que ele defendia, ligava também muita importância à solidariedade moral, pois dizia que uma companhia a outra.

Mário e a família

Seu pai casou duas vezes. Do primeiro matrimônio nasceu um três filhos: Carlos, Francisco e José. Do segundo, quatro: Aurora, Raül, Mário e Branca. Os irmãos do primeiro matrimônio, estas idades eram bastante afastadas e nas duas casadas, ajudavam muito a sustentar as despesas domésticas, por isso nunca se interveio na vida dos trabalhadores. O Raül chegou a ser empregado da C.F. manteve-se sindicalista, sendo se interessar muito pelos assuntos da classe. Encontra-se na companhia em 1930.

Porém, os quatro irmãos, filhos do segundo matrimônio, compreendiam-se muito bem, existia entre eles uma admirável solidariedade. Tinham por seus pais uma grande admiração e dedicavam-lhes extremos cuidados, não só pela educação que lhes tinham proporcionado, como também pela racional educação que lhes dava.

Os três irmãos mais velhos, filhos do primeiro matrimônio, constituíram a família, ficando as outras quatro com seus pais.

Em 1920 morreu-lhes o pai que tinha uma idade já bastante avançada. Faleceu, portanto, a mãe vivendo somente com os seus quatro filhos, ou sejam: Aurora, Raül, Mário, e Branca. Ela tinha tomado a sua mentalidade revolucionária, e querendo em casa as suas ideias e proleção, a família completante se mudou.

Como ela não se procedia contribua nada para a manutenção dos seus, como também não queria que eles se interessassem pelos que no país e estrangeiros se achavam, tal era a solidariedade.

Compreendiam-nos, por isso, sempre que Mário era preso, em vez de se lamentarem, levavam-no à prisão e seu conforto moral mantendo-lhe assim a consciência com a sua mãe.

Mário, paladino da igualdade, em casa nunca aceitava qualquer alimento de qual não beneficiasse toda a família. Algumas vezes sucedia haver pouco em casa para comer. Então a mãe e as irmãs, no sentido de não se diferenciarem pois o que havia era pouco para todos, diziam: "he 19 que não queriam". Este então distribuiu esse pouco igualmente pelos pais, e só começou a comer quando elas o fizessem também. Assim, algumas vezes a estas cenas em sua casa.

Só admitia diferença de tratamento para as que se encontravam doentes. Só nestes casos, dizia, se podia justificar uma diferença de alimentação na família.

Atravessou como a família situações econômicas por vezes desastrosas, mas atravessou outras também muito difíceis. Contudo, houve sempre a mesma harmonia e completa concordância entre eles.

21. Com cara procuraram sempre evitar que a mãe sofresse grandes desgostos com a prisão de Mário, dando, especialmente, a evasão a idade e ao pagamento de encargos que a mãe exigindo levantou.

Quando foi deportado, em 1924, pediu as irmãs para evitarem que a mãe soubesse da sua deportação. Nesta altura já ela estava gravemente enferma. Faltava-lhe a paciência de Mário, dizendo-lhe que ele tinha saído para a prisão, e que com esta concessão que ela recebeu em 1930.

Mário, quando foi deportado da C.F. já tinha uma família. Parecia, a situação econômica dele e da família, agravada com os seus encargos e a de irmãs, que na mesma data se lhe desviou. Entretanto, lhe permitia sustentá-lo.

Mário, não lhe deixaram tempo disponível para trabalhar com frequência a que era seu hábito. Ela, que o amava e interessava e o ajudava a seu ideal, sofria com a ausência, que não a deixava com o seu trabalho.

Os anos já passaram e Mário, quando chegou ao Brasil, a sua situação econômica, quando os seus compromissos a propósito do seu casamento, disseram um dia: "você casar, não tem o direito de fazer esperar a minha mulher tanto tempo por mim".

Como não encontrava soluções para os seus dificuldades econômicas que perduravam ainda, e não queria abandonar as atividades que amava, que cada vez lhe alteravam mais tempo, chegou à conclusão de ter de casar. e se não nesse sentido.

Casou-se em Setembro de 1926. Em Janeiro de 1927 e preso, sendo restituído a liberdade de dias depois. Por primeira vez, depois de 10 meses, que a mãe não o viu, e restituído a liberdade, o primeiro ano e meio de sua companhia a mãe, sob o ponto de vista da manutenção de sua situação e esta por o tratar com mais amor e carinho.

Mário tinha sobre as coisas econômicas amplas concepções, e a elevada cultura de sua família permitia que ele fosse exposto a essas coisas. Portanto, permitia que ele fosse exposto a essas coisas. Portanto, permitia que ele fosse exposto a essas coisas.

Quando lhe pediu a ela a memória e a situação do seu filho, pois a situação da mãe, que nela tinha era absoluta garantia do seu nome e estando procedimento.

Em 26 de Outubro de 1927, e preso pela terceira vez, e em 26 de Novembro do mesmo ano era deportado para a França. Só em Junho de 1931 que regressou a casa. Foi libertado até 14 de Janeiro de 1934. Foi morto em 1934, mas que não chegou a três anos, que lhe nasceu o irmão mais velho. Quando foi preso a última vez, tinha o seu filho uns 16 meses. Alimentava-o grandemente e por vezes, quando que ele, com a educação que a mãe lhe deu, tinha a ver em um valor mental e revolucionário.

Pobre Mário, mãe chegou a ver realizava tão legítima aspiração!

Seus irmãos, com a família de Mário, sabe avaliar o rude golpe que ela acaba de sofrer com o seu desaparecimento.

4 que o administrador pelas suas qualidades de trabalho e de caracter, preveniu-me de novo a sua atitude.

A sua desistência causou a todos um profundo desgosto, pois a sua conduta moral elevou-o a considerações das que com elle privaram.

No seu serviço (organização das fôrças de segurança dos aldeãos do pessoal do movimento) para constantemente procurando pelos empregados, desde o inspetor ao carregador suplementar, para saberem os descontos que lhes foram feitos e quais as importâncias a receber.

Nunca mostrava enfado: tão bem inspeccionava o inspetor como o carregador. Erros constantes cometidos originavam-lhe uma perda de tempo com a deslivel. E, para que o serviço a seu cargo se não atrasasse, permanecia sempre em casa a noite que não tinha concluído, por falta de tempo, na repartição.

Tratava os superiores como de respeito e altivez, e nunca deixou sem o seu prodatado energico as injustiças, por elles praticadas, cometidas.

Cumpria integralmente com os deveres do seu cargo, para ter sempre auctoridade moral de reclamar os seus direitos.

Quando fustar, tinha pessoal a seu cargo. Não tratava esse pessoal como seu subordinado, mas sim como seu colaborador, aconselhando-o a execução do trabalho que lhe estava destinado.

Não dava ordens, chamava cada um ao cumprimento dos seus deveres.

Se algum carregador cometia uma falta, não se dava ao trabalho de fazer a respectiva participação aos seus superiores, chamava o carregador, fazia-lhe sentir essa falta, cujo castigo, por parte da companhia, não se oppedia a elle, carregador, mas também a sua familia.

Mário nunca fez uma participação contra uma sua camarada.

Quo não querer dar ordens, para que não tivesse se sem dia de participar de algum subordinado, contribuiu poderosamente para que elle tomasse a resolução de ir para as fôrças de dentro.

Terminou aqui a sua carreira de empregado ferroviario. O resto da sua vida, como empregado de escriptorio, será descrito no capitulo seguinte.

Não entrar para os caminhos de ferro, ingressou no seu sindicato. Não se limitou a fazer-lhe a sua primeira idade, a pagar a sua cota, foi mais longe: assistia a todas as assembleias e interessava-se por tudo que dizia respeito a classe a que pertencia. Começou por assembléas de perto a actividade sindical das outras classes e a interessar-se pela leitura de livros sociologicos, revistas e jornais operarios.

Assim fui adquirindo conhecimentos e formando a sua mentalidade revolucionaria. Revoltava-se contra todas as injustiças e exortava de que eram victimas os trabalhadores.

A sua regular cultura permitia-lhe adquirir com mais facilidade uma maior somma de conhecimentos literarios, scientificos e sociologicos.

Depois de estudar as doutrinas politicas e sociais, creio que a que melhor se adaptava a esse o seu temperamento e intelligencia.

Verdade é que, a corrente que predominava entre o proletariado portuguez era a social-democratica. A organização sindical estava debaixo da sua influencia.

Mário foi contra tudo que representava autoritarismo e opressão. E reconhecendo que os social-democratas, colaborando com a burguezia, pretendiam conquistar o Poder, enganando os trabalhadores com suas illusorias reformas, insubstitutas, portanto, para resolver a questão social, nunca lhe mereceram o seu apoio ou simpatia.

Admirando as doutrinas anarquistas, e contando tambem que essa doutrina se baseava na perfectibilidade humana, defendendo uma nova sociedade igualitaria, o seu sentimento e intelligencia se identificaram com elles.

É precisamente nessa época que em Portugal se esboça a fôrça reitoria da propaganda creta e falada feita pelos anarquistas e sindicalistas revolucionarios. Mário é, a partir desse momento, um acerrimo defensor dos principios federalistas.

A classe trabalhadora era então, na sua maioria, influenciada pelos ideias republicanas, e uma influencia fugia-se sentir no seu respectivo ambiente.



22 A sua casa era uma verdadeira escola amplexiva. Não necessitava de profasas aliás idênticas: era suficiente os exemplos que diariamente dava. Em cada acto seu acompanhava-os de vez a família de Mário, sempre profundamente em a sua mente continuava a admirar o nobre ideal pelo qual ele abnegadamente deu a vida.

Primeira deputação

Foi preso no Governo Civil de Lisboa no dia 06 de Setembro de 1924 no momento em que ia visitar um filho e irmãzinha dos irmãos do seu pai, para em seguida tratar junto do director da policia da libertação de S. Jago.

Zali replica para a P. S. Jago, e de encontro a muitos presos publicos, e vulvidos no movimento do 28 de Maio de Fevereiro de 1924 no dia 15 de Novembro entraram a bordo do "Fidô" como "camarões" e presos como se fossem a Angola. Deambularam em Novembro de 1924 com mais 19 presos - os restantes seguiram outro destino. Mário e seus companheiros passal para Vila Nova do Seta onde lhe fixaram residência.

Mário e seus companheiros passal para Vila Nova do Seta onde lhe fixaram residência.

A bordo, Mário conquistou as sympathias não só dos seus companheiros de libertação como também dos para os seus e turbulentos. Com os presos foram metidos no grupo destinado a bagagem, em pequenas alojamentos, abstrahendo que se achava uma cela ao commandante reclamando melhores alojamentos. Por unanimidade foi encarregado de a redigir. O Commandante, atente a reclamação, não só manteve as transporencia para o 3º class, e as melhores e paradas de tudo o barco.

Com o fim de Vila Nova do Seta, parados pouco dias de ali se chegou, conquistando as sympathias de todos os transos, incluindo os seus e turbulentos.

Sumo que se organizou a república em dois pontos de vista, a primeira que se referia a Direcção e a outra que se referia a execução. Como tal, a primeira que se referia a Direcção e a outra que se referia a execução. Como tal, a primeira que se referia a Direcção e a outra que se referia a execução.

Quando havia assuntos que interessavam aos libertados, era sempre com os seus companheiros para discutir e dar a sua opinião. Com os seus companheiros para discutir e dar a sua opinião. Com os seus companheiros para discutir e dar a sua opinião.

O seu espirito ao uera dar em qualquer parte de... para, com os seus companheiros para discutir e dar a sua opinião. Com os seus companheiros para discutir e dar a sua opinião. Com os seus companheiros para discutir e dar a sua opinião.

A ração negra mençava a Mário um exemplo de... com os seus companheiros para discutir e dar a sua opinião. Com os seus companheiros para discutir e dar a sua opinião. Com os seus companheiros para discutir e dar a sua opinião.

Quando se referia a Direcção e a outra que se referia a execução. Como tal, a primeira que se referia a Direcção e a outra que se referia a execução. Como tal, a primeira que se referia a Direcção e a outra que se referia a execução.

Quando se referia a Direcção e a outra que se referia a execução. Como tal, a primeira que se referia a Direcção e a outra que se referia a execução. Como tal, a primeira que se referia a Direcção e a outra que se referia a execução.

23 ... as argumentações logicas e respondiam-lhe que ele é livre que mandam as peças no trabalho, seria querido a bater-lhes.

Para que o leitor possa avaliar bem o espirito de justicia de Mário, e tanto ao acaro algumas coisas que se passaram pouco tempo depois de se ter chegado a Vila Nova do Seta.

Os de parados duravam na habitação magna a quem a inteligência, que distava uns 300 metros da vila. O admissão transferiu-se para as encarnações para se ir para o Seta, que se encontrava em prisão, para que se fosse o Seta e para a Seta. Se um preso, que não sabia falar português, Mário e meca para apresentarem-lhe algumas das caudas do Seta. O primeiro se respondia-lhe que estava preso, e que se não fosse para ir para o Seta, se não fosse para ir para o Seta, se não fosse para ir para o Seta.

Mário, ouvindo as declarações do preso que lhe pederam algumas coisas, resolveu escrever uma carta ao administrador, pedindo-lhe que lhe estendessem com a atenção o curso do preso que se referia ao Seta, segundo Mário, havia muito de verdade nas declarações do preso.

O administrador ao receber a carta approvou Mário em ir a administração para obterem as peças e o resto. Os seus apreciava as peças e o resto. Os seus apreciava as peças e o resto. Os seus apreciava as peças e o resto. Os seus apreciava as peças e o resto.

Os presos que se encontravam presos e obrigados a trabalhar para trabalhar em muitos trabalhos. Da excepção de certos trabalhos em barcos, além de alguns trabalhos, os outros como a limpeza e a manutenção de certos trabalhos.

Os presos que se encontravam presos e obrigados a trabalhar para trabalhar em muitos trabalhos. Da excepção de certos trabalhos em barcos, além de alguns trabalhos, os outros como a limpeza e a manutenção de certos trabalhos.

O administrador argumentava, porque Mário, a não ser argumentar, respondia que não havia nada de verdade para tal. Respondia-lhe que um acto de não havia nada de verdade para tal. Respondia-lhe que um acto de não havia nada de verdade para tal.

Quando se referia a Direcção e a outra que se referia a execução. Como tal, a primeira que se referia a Direcção e a outra que se referia a execução. Como tal, a primeira que se referia a Direcção e a outra que se referia a execução.

Quando se referia a Direcção e a outra que se referia a execução. Como tal, a primeira que se referia a Direcção e a outra que se referia a execução. Como tal, a primeira que se referia a Direcção e a outra que se referia a execução.

Quando se referia a Direcção e a outra que se referia a execução. Como tal, a primeira que se referia a Direcção e a outra que se referia a execução. Como tal, a primeira que se referia a Direcção e a outra que se referia a execução.

Quando se referia a Direcção e a outra que se referia a execução. Como tal, a primeira que se referia a Direcção e a outra que se referia a execução. Como tal, a primeira que se referia a Direcção e a outra que se referia a execução.

6 Não concorramo como se autenticou seguida pelas direções da sua classe, mantinha-se sindicalizado e cumpria os seus deveres de trabalhador consciente, não recebendo encargos directivos.

Quando, em 1911, a classe declarou a greve, que foi ganha pelo pessoal, ele não só se olvidou das suas obrigações sindicais, como foi também um dos últimos a retornar ao serviço.

A greve de 1914 precipitou um maior espírito revolucionário, pois a classe estava já desiludida da política dos dirigentes republicanos. Por este facto, Mário não negou a sua colaboração na greve e desenvolveu nela grande actividade.

Os ferroviários foram vencidos, e a Comp.ª perdeu os direitos do sindicato, o que encorajou a classe a uma grande desmoralização. Mário não desanimou e, junto dos seus camaradas, incentivava-os a que não abandonassem o sindicato nem os seus camaradas vencidos.

Depois dos seus esforços, a classe encorajou com facilidade os seus vitoriosos e a Comp.ª aproveitou-se desses para que a frente do sindicato ficasse honrada da sua confiança. Mesmo assim, Mário não desiste, não abandona o seu posto e cumpre com os seus camaradas a oposição nas respectivas assembleias.

Em 1918 a Comp.ª e seus agentes começaram com o sindicato a declarar a greve a chorada por dois decretos. Os empregados superiores, incluindo o director, diziam aos seus subordinados, quando estes se apresentavam para trabalhar para uma comissão de greve, pois esta tinha sido feita pela Comp.ª: "Vão para o sindicato, é lá que os senhores devem receber ajuda".

Essa greve serviu para que os ferroviários reconhecessem, embora tarde, que tinham sido mais um vez ludibriados. Então meditarão nos palestras por Mário proferidas, quando da declaração da greve, atacando-a por ela não visar os interesses da classe.

No ano seguinte, 1919, os ferroviários reclamam aumento de salário e várias regalias. Porém, ele, sempre disposto a dar o seu concurso na defesa da classe, colaborou nessa acção.

Como nem a Comp.ª nem o governo atendia as reclamações, a Comissão de Melhoramentos da Classe dos seus trabalhadores e indica que o último recurso seria a greve. Todavia, Mário, criteriosamente ponderando, dizia que, em sua opinião, se devia erguer todos os recursos, e só depois, caso a Comp.ª não atendesse a

classe devia ir para a greve. Era necessário, porém, preparar-se a opinião pública, especialmente o proletariado, informando-o das causas da greve para que este não protestasse contra as ferroviários, visto que a greve, e mesmo o aumento de salário, iria contribuir para a elevação do custo da vida.

Verificou o critério da Comissão de Melhoramentos, e a greve foi declarada. A perseguição de Mário não cessando, trabalhou activamente para que o pessoal se mantivesse unido, colaborando em todos os trabalhos tendentes ao triunfo da classe.

No fim de 60 dias de luta a classe saiu vencida e retornou ao trabalho. Novos vitoriosos reuniram-se, porém, a actividade desenvolvida por ele e outros elementos fez com que a classe, meses depois, visse satisfeitas as suas principais reclamações.

A sua persistente actividade, tendente a que a classe occupasse uma melhor situação, e o aumento sempre crescente do custo da vida, deram como consequência novas reclamações.

Preparou-se a classe para enfrentar a recusa da Comp.ª. Por outro lado os ferroviários do sub-tinham também em curso reclamações, as quais o Estado e as respectivas companhias se recusavam atender.

No dia 30 de setembro de 1920, os ferroviários do Estado declararam-se em greve, e a da C.P., no dia 5 de outubro.

Além dos comités de rede, foi constituído o Comité Nacional dos ferroviários de Portugal. Deste comité fizeram parte, além de outros, Rui Miguel Correia, a alma dos ferroviários do sub, (este militante que se encontra em brenco Sines) e Mário Bastethano.

Depois de ser a primeira vez que este fazia parte de um órgão tão importante, as suas opiniões eram sempre aceites como as melhores e as mais úteis.

O Estado e as companhias recusaram-se a satisfazer as reclamações do pessoal, por que, segundo eles, ceder a reivindicações dos trabalhadores, seria a abdicação do Poder.

Mas uma vez os ferroviários foram vencidos em nome do "cardem" e dos interesses do "Capitalismo", recusa da classe. Mário, embora desiludido, não abandonou



esta sua atitude combativeira ainda mais para o
deixar a consideração de todos que ali o conheciam.
Mário fazia tudo isto sem o menor alarde, com tanta na-
turalidade que todos reconheciam que não havia da sua parte
qualquer manifestação de vaidade.
No fim de um ano de deputação, o médico, que era seu
amigo, arranjou-lhe o cargo de "Belo Horizonte", da
Companhia Nacional de Energia, como empregado de escritório.
Tendo-o de sumo trabalho que dizia respeito à sua pro-
fissão, aceitou. Ali tinha o seu cargo, não só todo o serviço
do escritório, como algumas centenas de fretos, que trabalhava-
vam nos serviços agrícolas. Mas não ia ter a sua operação de
ver, se para dirigir fretos era ou não pouco. **Thes.**
O Administrador da obra, honrou-o de rubricar a cul-
tura, também, tinha sobre os fretos o papel de que ele
trabalhava e já era de mais trabalho - e então, ali só
de todos os trabalhos que são para a África e para a América de
arranjar a fortuna que poucas anos, sem se preocupar com
os proventos, o que é preciso, quanto a eles, e que se quer de-
presença.

Mário, ao tomar posse do lugar, declarou que cumpri-
ria com os seus deveres, e para tal estava convencido de não
dever necessariamente usar de processos que repugnarem à sua
consciência.

Durante todo o tempo em que trabalhou no novo emprego
maltratou um preto, e mesmo por isso eles deixaram de fazer
o serviço que lhes era indicado.

Reconhecia o próprio em que estava a sua negra; os
fretos eram verdadeiramente crianças grandes, e precisamente
fui ensinado nesse tempo e que tinha a obrigação de que
eles deviam ser tratados com mais humanidade, e a dis-
tância lhes miseráveis e por julgando que a sua subor-
dinação, fretos, não no seu estado de coisas, se considerava
que Mário, a respeito de qualquer muito diferente dos outros
brancos, não os tratava nem os compreendia como eles. "Este branco
é de fé de outros, não é branco do tempo antigo."

Quanto Mário naturalmente se limitou, os fretos
palestraram a sua negra, e realizando que sua boa natureza
sem trabalho, e não pelo administrador da obra. Ali só
deixou de ser os brancos - desde o administrador ao
empregado de campo - todos tinham a sua parte, e ali só.
Em 1930, depois de um movimento público de greve
de trabalho em Angola, o governo transferiu para os Açores todos os
deputados que ali Angola se encontravam.

Por a sua prisão e residência, assim como a outra, deputado,
na ilha do Fogo, a sua preocupação era a de que crescesse, entre
os dois, uma amizade que se fosse, seu filho, fosse de modo a
comparar-se a consideração dos habitantes daquela ilha.
De presença com vista ali as simpatias da população, e que
não se pagava aos deputados do governo, que não se tratava
a propósito pública da União Nacional, não me tinha ido
barbata, a cambala dos deputados.

Nos fins de Março de 1931, o governo resolve transferir for
Açores para um cargo de concessão da ilha de São Miguel, de
Cabo Verde, todos os deputados, e por consequentemente,
da resolução do governo que prescrevia o movimento resolveu
mário da Madeira, e por consequente, e logo, a 4 de Abril e a
fizeram ao Funchal muitos deputados, que ali de longe
apresentar bases que os considerava a Cabo Verde, e em eles
se encontrava-se Mário, que imediatamente se lançou ao
trabalho de apurar bases, no sentido de trabalhar sobre da
sua preocupação o seu dever.

A preocupação sindical do Funchal comprou-lhe a
direção do jornal "A Batalha", artigo da revista do Sindicato

daquela cidade.
Mário reuniu com as direcções de todos os sindicatos,
deu-lhes a conhecer a situação que havia nos trabalhos,
deu-lhes a conhecer a situação da liberdade e das
suas regalias. Nessa reunião foi encarregado de pedir
um manifesto dirigido ao povo da Madeira, e a cum-
prir o seu dever.
Sobre as classes que usavam e recebiam calbunias
na ilha.

O jornal "A Batalha" era arduamente procurado.
No dia em que terminava o prazo pelo delimitado
do município da ilha da Madeira para a realização dos trabalhos,
Mário estava no campo de trabalho, e ali só pelo agra-
do que lhe dava a local, ao qual assistia com interesse.
O trabalho de Mário terminou, foi a cidade
de São Paulo, e depois de ter trabalhado na ilha da Madeira
e de ter recebido a devida pelo Funchal, e ali só.

Mário trabalhou durante os dias da ilha, e
depois, quer trabalhando a acção de operários, quer orga-
nizando os trabalhos.
Após a realização, precisou-se a ir para outro lado,
trabalho de guerra em Angola. Começou no fim de 33 dias
sair do Funchal com destino a Lisboa, onde chegou no dia
9 de Junho de 1931.

Na prisão

A sua última prisão da ilha do dia 14 de Janeiro de
1931, e ali só de ar e de calor do momento.
Com o Nacional do momento, e ali só de ar e de calor do momento.
Mário tinha bem a noção dos seus responsabilidades,
preferia a morte a ter que permanecer na prisão que
fizesse prejudicial ao seu emprego.

Mário tinha bem a noção dos seus responsabilidades,
preferia a morte a ter que permanecer na prisão que
fizesse prejudicial ao seu emprego.
Mário tinha bem a noção dos seus responsabilidades,
preferia a morte a ter que permanecer na prisão que
fizesse prejudicial ao seu emprego.

Mário tinha bem a noção dos seus responsabilidades,
preferia a morte a ter que permanecer na prisão que
fizesse prejudicial ao seu emprego.

Mário tinha bem a noção dos seus responsabilidades,
preferia a morte a ter que permanecer na prisão que
fizesse prejudicial ao seu emprego.

Mário tinha bem a noção dos seus responsabilidades,
preferia a morte a ter que permanecer na prisão que
fizesse prejudicial ao seu emprego.

Mário tinha bem a noção dos seus responsabilidades,
preferia a morte a ter que permanecer na prisão que
fizesse prejudicial ao seu emprego.

8.º o Sindicato; organizou uma comissão, da qual fazia parte, para tratar, junto do governo, da situação dos demitidos. Muitos foram colocados em vários lados, e os poucos que restaram foram, de per si, procurar nova vida.

A maioria dos elementos, que ficou ao serviço, não aparecia no Sindicato com receio de represálias da companhia. Mário, constatando isto, dizia-nos que não podíamos abandonar o Sindicato e que deveríamos arranjar alguns camaradas, que, embora nada fizessem, permitissem os seus nomes na lista dos corpos que compoem o Sindicato, e se conseguissem.

De principio, poucos apareciam. Com tudo, Mário não desanima, não descança um momento, quer redigindo o jornal "O Ferroviário" quer exercendo manufaturas e circulares. Apresenta sugestões e colabora na reorganização da classe.

As eleições gerais foram realizadas e demitidos todos os operários que lá estavam. Nomeada uma comissão, da qual Mário fazia parte, esta comissão, junto do ministro do Trabalho, que as officinas fossem reabertas e reorganizadas, o período entre a perda da greve e a reabertura das defegues, repartiam no Sindicato. X X

Mário colabora na preparação de uma assembleia magna, que se realizou com a denominação de "Assembleia de Reconciliação". Nesta assembleia saíu a classe mais unificada, e dela partiu a ideia de que Mário devia, pela classe, ser considerado do ferro viário, dando-lhe por isso a sua confiança, no sentido de que ele pudesse fazer parte de todas as comissões que viessem a ser constituídas para a conquista de regalias.

Derada em a sugestão a toda a linha, onde foi acolhida com entusiasmo, e aprovada em votação, mas delegações do Sindicato, considerando-o ferroviário, podendo, de futuro, tratar de todos os assuntos que dissemos respeito a classe, esta votação fora dias depois, aprovada por aclamação na sala do Sindicato.

Até ali, Mário recusou-se a receber qualquer remuneração pelos trabalhos que tinha realizado. Eraum já decorridos 6 meses e a sua vida, economicamente, era bastante difícil. Por isso, ele queria receber sempre que a sua situação fosse definida pela classe. Esta, depois de o ter considerado ferroviário, a favor dar-lhe uma remuneração

equivalente ao ordenado que ele recebia e estava em companhia. Embora tivesse aceite a confiança que a classe lhe acabara de dar, não a aceitou a remuneração totalmente aceita a si, em parte, quer dizer, reduzida em algumas centenas de escudos.

N.º 611 C.º 41

Nestas assembleias Mário afirmou que não queria viver da classe, mas vive para ela. E, se aceitava uma remuneração, era porque, não tendo quaisquer outros rendimentos, a não podia dispor de quantos procediam assim. Poucos, em todo o trabalho que se praticava, exaustivo, e a vida precária. Mas o seu grande amor a causa que se propusera defender não lhe permitia que aceitasse uma situação desafogada. Queria sentir como os seus camaradas as dificuldades económicas.

Pertenceu à "Comissão Organizadora do Congresso do Sindicato do Ferroviário de Portugal" e se realizou em 1921, no Porto. Nessa conferência, foi nomeado secretário do presente trabalho, foi Mário Cordeiro, só ferroviário da C.P., mas de todas as linhas.

A Comissão nomeou-o secretário da Comissão Organizadora do Congresso Ferroviário.

Mário, tanto em Lisboa, como na linha, recebia da classe favores de carinho e de confiança. Foi com a sua acção inteligente que o Sindicato passou a ter 6.000 Sindicatos. Num classe constituida por 8.000 homens, prova bem a confiança que ela deposita nos seus orientadores.

Foi nomeado secretário da Comissão Executiva do Sindicato e reductor principal do jornal, cargo que exerceu até Dezembro de 1924.

Como secretário da Comissão Organizadora do Congresso, executou os trabalhos a seu cargo e foi relator da Tese "A necessidade de Regalias do Ferroviário, em relação aos trabalhos de Reparação", Tese que foi aprovada pelo Congresso em Junho de 1926.

Neste Congresso exerceu grande actividade, tomou do parte na discussão de todos os trabalhos.

Quando acabou o trabalho defendida a adesão da Federação, que acabava de ser criada, à Internacional de Homens Livres, a Internacional reformista, Mário apresentou opinião entusiástica, defendendo o criterio de que o Congresso não devia marcar a sua posição perante qualquer das internacionais existentes, visto que estas estavam implesentadas pelos partidos politicos, não respeitavam a autonomia do sindical. A lei dos argumentos apresentados, baseava-se sim na sua opinião no que se refere ao não estar devidamente preparada para o, far por qualquer

10, das, o que ficou a par do mesmo para maiororia.
3.º Compromisso, onde estavam representados os ferroviários de todas as linhas, resolveu, por aclamação, considerar o ferroviário, confiantemente assim a resolução da Confederação, e realçada no Paulo, e elegem o para a Comissão Executiva como o cargo de secretário de Relações Internacionais.

Em outubro do mesmo ano, realizou-se na Cortina o Congresso Nacional Operário, aonde ele foi como delegado da Federação Ferroviária. Ali, em nome do agremiação que representava, defendeu, com larga argumentação, a Terc. Organização Social Sindicalista, e se decidiu a favor do princípio pelos quais se devia reger a Confederação.

Uma grande preocupação era o facto dos ferroviários da C.P. não estarem confederados e não manterem uma estrita união com os restantes trabalhadores. Esse erro, disse a ele, era corrigível pela falta de propagação, pois os indivíduos que tinham passado pelos corpos que o sindicato não procurava nem de modo algum a estabelecer com os restantes, limitando-se a discutir o aumento de salário.

Como redactor principal do jornal "O Ferroviário", e de propaganda do dia a dia, e de doutrina, e de toda a linha, agentes que procediam a venda do referido diário e angariavam assinantes.

Também por intermédio do jornal "O Ferroviário" tornou conhecido dos ferroviários o nome do militante da organização operária.

Os jornais de Mário, delegado da C.F.T. com delegação do Sindicato prevaricava as linhas da C.P. e de propaganda da Confederação. Todos estes trabalhos, foram bem aceites pela classe.

Mário esperava a oportunidade para que os ferroviários da C.P. dessem a sua adesão material à C.F.T.

Em 1933, a classe em assembleia magna aprovou uma série de reclamações a apresentar ao governo. A Companhia argumentava que, para atender as reclamações do pessoal, necessitava principalmente de um aumento de salários para um aumento de tarifas. Por outro lado o governo responsabilidade a Comissão de Tarifas não tinha verba. Foi ainda Mário quem conseguiu obter os elementos elucidativos da receita e despesa da Companhia e habilitou a Comissão a fazer a sua parte na participação do pedido de aumento de tarifas. O ministro do Comércio leu o fim de muitas manifestações, e respondeu que o aumento de tarifas, que não poderia ser considerado, seria excluído para

11
pernal, pedindo a comissão que a apresentar a forma para ser distribuída a imparidade proveniente do referido aumento.

M67/Co.97
A Companhia, que recebia d'êre aumento de tarifas de 20.000 contos, pretendia dar somente dez mil, ficando, portanto, com os restantes 10.000 em seu benefício.

Mário em nome da comissão, redige um extenso relatório, onde eram desmascarados os intentos da Companhia, a qual pretendia servir-se das reclamações do pessoal para arrecadar nos seus cofres 10.000 contos, recebendo o odioso do citado aumento sobre os ferroviários.

A Companhia recusa-se a discutir o assunto com a comissão perante o ministro, que vários vezes a convidou a um acordo. Para justificar a sua recusa, e ainda para não poder deixar os argumentos irrefutáveis, pediu ao relator, alegar que a comissão não representava o sentir da classe, acrescentando que devia considerar apenas a parte dos indivíduos que não era ferroviários.

Mário, agindo em nome da comissão, responde ao ministro que dentro de 3 dias a classe se pronunciaria se a comissão traduzia ou não o seu sentir. E ainda ele que, em nome da comissão, redige um manifesto, que esta aporosa, e que foi distribuído em toda a linha.

No dia indicado a classe reuniu em assembleia magna na Caixa Econômica Operária com delegados das delegações do Sindicato e das câmaras principais da linha.

A classe, representada por esta assembleia, mais uma vez, resolve patenteia a Mário a sua admiração e confiança, e para provar a Companhia e ao governo que a comissão traduzia o sentir dos ferroviários que representava a classe resolve fazer uma manifestação ao Conselho de Administrativos, manifestação em que se invocava para além mais de 3 mil ferroviários. E aqueles que o não puderam fazer, enviaram telegramas à Companhia ao governo, patenteando o seu apoio à comissão e ao Sindicato.

Como a Companhia não pôde ofuscar o valor da manifestação, foi forçada a receber a comissão, a qual fez a parte do próprio Mário, aquele que ela não enviara ao ministro que não era ferroviário. Esta manifestação levou a Companhia a atender as reclamações, mas, depois de o ter feito, fez cair o seu ódio contra o secretário geral do Sindicato e contra dois elementos da Comissão, demittindo-os.

Foi ainda Mário com a sua inteligência e grande fidelidade de trabalho que contribuiu poderosamente para que se criasse um elevado numero de bons voluntários e se fizesse seu conhecimento.

12. Foi Mário que, como secretário da comissão executiva, desenvolveu com os restantes componentes grande atividade no sentido da classe responder à violação da comp^a, levando-a, por uma manobra digna, a anular as demissões.

Os maiores da classe, que agia só pela questão económica, vendo esta satisfeita em parte, ficaram sem vontade de ir mais além, dando, no entanto, plenas poderes ao sindicato para ir a todo o ponto necessário. Dentro destes poderes, a Comissão executiva pôs em execução todo o seu plano, e a classe dispunha-se a ir para a greve. Já se arrastava alguma que alguns elementos que tinham responsabilidades, e que até então de perdidos, uma atitude energética por parte da classe, condescendo a fazer uma propaganda surda contra essa atitude energética, que eles tinham prestado a ser tomada. Então as demissões, as reformas e aqueles que se adaptaram a todas as situações, uniram-se para abstar a que a classe fizesse para a greve.

Os corpos gerentes, todavia, a Comissão do sindicato e ainda as comissões administrativas das delegações remeteram demissão a Mário, que tinha ouvido todas as militantes da classe, as quais julgava sinceras, reuniram-se de novo para apreciar a situação e pronunciaram-se sobre as resoluções que os corpos gerentes acabaram de tomar. Nessa reunião descobriu-se as traidores e os estardos. Logo ali verberou o procedimento indigno das que arbiu procediam e declararam que se colocaria, franca e sinceramente, ao lado das que tinham a companhia dos corpos gerentes, mas nas resoluções, a única atitude que os homens dignos podiam tomar.

Mário, que tanto tinha trabalhado para a classe, que perdia as suas horas de repouso, trabalhando dia e noite, recebia agora a primeira desleitura. Os homens, que dias antes afirmavam publicamente que iam a qualquer parte fosse necessário, e dedicavam, fazendo o fôlego da companhia.

Foi na "Casa Económica Operária" que dias depois se realizou uma assembleia magna da classe, a qual estava largamente representada, e onde o secretário geral do sindicato informou que os corpos gerentes se demitiram.

Mário, em nome da comissão executiva, fez a seguinte declaração e demitiu-se também de redactor principal do jornal. Hereseitou que o seu andar a classe e as idéias que defendia, lhe impunha a atitude que acabava de tomar. Disse mais: "É que vale uma arguição, não,

constitui da por muitos ferroviários, quando esta, alijada no que ela considera principal, não tem forma pelo facto de os seus associados não possuírem a devida consciência para a desorganizar, respondendo assim a pergunta de a terminar: "A minha demissão impõe-me combater os fiscaes os restantes militantes, que constituem os corpos gerentes e restantes comissões, sem um caminho sair."

A assembleia não esperava que o problema fosse posto naquele terreno, e por isso ficou desorientada. Alguns elementos, não tendo responsabilidades no que se estava a passar, preferiram encaminhar a questão para a C. P. de Paris, tanto os corpos gerentes como todas as comissões, não aceitaram, pois reconheciam perfeitamente a propaganda que contrario ter produzido já as suas permissões e efeitos, e que, portanto, a dar-se a greve, esta não alcançaria os seus objectivos. Depois disto ainda alguns ferroviários simes procuraram descobrir a sua demissão, todavia não o conseguiram.

Em Junho de 1934, foram eleitos os novos corpos gerentes. Saíram do sindicato os revolucionários; entraram os reformistas e as que se comprometeram a existência do sindicato pelos benefícios materiais que dele recebem.

Mário, de colaboração com o autor do presente trabalho, editou um folheto, dirigido aos ferroviários, onde fazia a sua despedida das cargos que até ali havia desempenhado no sindicato. Esse folheto serviu de protesto aos novos corpos gerentes para editarem um manifesto de ataque à acção revolucionária de Mário.

Mário para então a exercer apenas a sua acção na Federação Ferroviária. Além do cargo de secretário de relações internacionais, foi nomeado pelo conselho federal redactor do jornal, cargo da federação.

Porém os corpos gerentes da C. P., não concordando com a orientação revolucionária da federação, procuraram criar uma lista, todos os obstáculos, recusando-se incluírem a lista os seus verdadeiros institutos, atacar o organo, mas pelo contrario, desenvolveram uma campanha de omnia e contra Mário, afirmando que não pagavam a cotizações enquanto de estivesse na federação. Esta, conduzida os objectivos dos corpos gerentes do sindicato da C. P., reuniu o Conselho federal, o qual resolveu não se enviar delegados às linhas da C. P., sendo nem duas delegados no mesmo, o que foi, mas logo em reunião no sindicato, a lista de que cito em parte também os seus delegados.

20 Durante 30 anos foi, dia a dia, apostando toda a entrada. Todos os detalhes me se desvaneceram à marchas da Revolução. Mas aos 44 anos fui impotente para reopôr ao mais facto que se lhe separou - a morte!

As páginas que acabaram de escrever de lá, e que foram escritas com sinceridade, representam uma justa homenagem à memória do que em vida foi um companheiro leal, companheiro de 21 anos de luta, um verdadeiro irmão de ideal. E ter poderias servir de subsídio a quem quiser fazer, com mais amplitude a biografia de Mário Castelhauro.

São muitos os factos que contribuíram para que o presente trabalho não seja mais completo. E os factos sobretudo os outros: falta de elementos, a consulta, deficiência de sugestões literárias e a grande dor moral que nos fere profundamente.

Novembro de 1946 Manuel Henriques Reis

Campo de Concentração - Tarrafal - Cabo Verde.

Nota

Mário Castelhauro nasceu em Lisboa no dia 31 de Maio de 1896.

Foi preso pela 1ª vez em Novembro de 1922, e restituído à liberdade 5 dias depois.

Em Dezembro de 1923, sofre nova prisão, que se mantem 8 dias.

No dia 5 de Fevereiro de 1924, é mais uma vez preso, sendo então detido no "Batalhão", dois dias depois (1 de Fevereiro), em as produções que lhe trouxe as portas da cadeia.

No dia 7 de Junho de 1924, volta a ser preso e restituído à liberdade 15 dias depois.

A 26 de Outubro de 1924 é preso pela 5ª vez e separado a 15 de Novembro seguinte.

Consequindo fugir da deportação quando da Revolta da Madeira (1931) é preso em Lisboa em 14 de Janeiro de 1934. Segue-se a deportação para S. Pedro, Fortaleza de S. José Proletária) a 8 de Setembro de 1934 e transferido para o Tarrafal em 23-X-1936.

Faleceu a 12 de Outubro de 1946.

Recordações:

Recordamos com saudade os malogrados lutadores contra o fascismo: Francisco José Pereira, Augusto Costa, Rafael Pinto Tobias, Francisco Domingues Simões, Cândido Alves Barja, Francisco Nascimento Soares, Alfredo Caldeira, Fernando Alcobia, Jacinto F. de Sousa, António Castello, que nos ficaram no Tarrafal também prisioneiros.

Henrique Reis



14 Só arrive a classe, vindo de duas partes, poderia resolver a questão. O sindicato aceita o convite, e dias depois, delegados dos dois corpos mais numerosos para as diversas delegações a explicar a questão. Sem uma vez ali, os delegados da federação colocam o assunto como argumentação tão respeitável, que os delegados do sindicato permissivamente cedam, limitando-se a ouvir. Em todas as delegações foram aprovadas moções apresentadas pelas Comissões Administrativas das oficinas, ratificando a adesão do sindicato à federação, retirando assim a confiança aos corpos gerentes do sindicato, com o resultado de ao mesmo tempo se desmoronarem.

Mais tarde, mais uma vez, através das oficinas da C.P. onde existiam muitos amigos dedicados, houve uma reunião manifestação de carinho.

Os corpos gerentes do sindicato, em vez de procederem como se deve, não honra indicando, saltaram por cima de todas as resoluções e, numa assembleia, constituída por seus sócios, aprovaram por maioria a expulsão de Mário de Sáio do sindicato.

A atitude inqualificável dos corpos gerentes, originou a saída em massa dos associados. Quando o número destes em cinco mil, ficou reduzido a metade, ou seja a 2.500. Mário, de cordando da atitude dos que volvem favoravelmente a favor do mesmo o sindicato, empregar todos os seus esforços no sentido de voltar ao sindicato.

No entanto o ataque aos elementos da federação continuava. E como era preciso levar o sindicato a definir a sua posição perante a federação, foi reunido pelo conselho federal (onde estavam representados os ferroviários do Sul-Sueste, Minho e Douro, Beira Alta e do mesmo Margens) com idas os corpos gerentes do sindicato em questão a provar as suas acções, numa reunião pública, para a qual foram convidadas não só os ferroviários como também todos os militantes operários. Essa reunião realizou-se na Caixa Económica Operária, e prova alguma foi apresentada contra Mário ou contra a Comissão executiva da federação. Após isto o Conselho federal reuniu novamente e resolve, em virtude das acções serem impendidas, considerar os corpos gerentes do sindicato como indignos de serem admitidos na federação o citado sindicato.

Não obstante as injustiças de que fora vítima, Mário não desanima, e continua a dar o seu esforço em defesa da classe ferroviária.

Por parte de todas as Comissões de solidariedade, quer do sindicato, quer da federação.

Quando a federação materializa a sua adesão à C.S.F. e nomeia os seus respectivos delegados, Mário, que tinha sido um dos indicados, não aceita a designação, porque as tratativas de que então estava incumbido não lhe permitiam dar à C.S.F. o espaço que deveria ter-lhe. Contudo não se alheava dos assuntos que diziam respeito à central do proletariado, contribuindo com a sua propaganda para que se da vez se fizesse sentir mais a influência dos trabalhadores.

Em 1926, surge um divergência entre o elemento do Comité Confederal, de origem de origem que são ligados ao Conselho Confederal. Contão são criados 2 grupos que se designam formalmente. Este conflito não se preocupa os militantes que estavam fora de lá, mas toda a agitação que era geral.

O Conselho da C.S.F. julgando-se impotente para achar uma solução que não fizesse sentir os factos, resolve dissolver-se depois de ter nomeado uma comissão administrativa para o encargo de administrar a C.S.F. até a constituição de um novo Conselho.

A pressão do conflito surgido na C.S.F., o Conselho federal da federação resolve aceitar o pedido do Conselho dos seus delegados a que agacesse, no momento, em sua substituição, além de um outro, Mário Castelhanos. Este, atendendo ao momento especial que a agitação operária atravessava, declarou aceitar. Ao tomar assento no Conselho Confederal e deido aos seus pontos de vista serem os mais razoáveis, os mais sensatos, o Conselho nomeia o para o Comité Confederal e director do jornal "A Batalha". Tomou posse do cargo de director do jornal a 1 de Janeiro 1927.

Os redactores, que tinham recebido a nomeação de Mário com indiferença, de prona reconheceram nele um camarada leal e competente.

A militação que deu ao jornal foi bem recebida, pois os seus editores, repararam a união de todos os trabalhadores de todo a confederação, não transigiu com os adversários, mas os combateram sempre a qualquer custo.

O Comité Confederal apresentou os assuntos, pedindo a sua resolução e elementos que se promovessem, respeitava todas as opiniões, e procurava que as resoluções fossem tomadas por unanimidade.

Surge o jornal em 1927 (data em que foi suspenso pelo governo da ditadura, não voltando mais a ser publicado legalmente como de antes), com a grande qual. Contudo Mário continua a fazer parte do Comité Confederal até ao 6 de outubro de 1927, data em que foi preso e deportado no mês seguinte, pelo que foi então substituído no Comité.

16 Em 1932 - já o Mário tinha regressado a Lisboa, conforme dizemos mais adiante - alguns militantes, de esquerda, com a pouca actividade do Comité confederal, resolveu levar a efeito uma reunião de militantes, que tinha por fim avaliar a situação geral da organização confederal. A maioria dos elementos do Comité, que também tomaram parte nessa reunião, levaram, dias depois, ao Conselho Confederal um plano de acção a desenvolver, que foi aprovado. É então que Mário e outros camaradas, são nomeados para constituir uma Comissão que tem a incumbência de fazer os "demarches" junto do governo para que este autorizasse o reaparecimento do diário "Ataliba". Mário foi um persistente animador dessa ideia e, por esse, cada colaborador da Comissão.

O governo, que já preparava os decretos da fusão dos sindicatos, não autorizou a saída do jornal.

Mário foi nomeado também secretário da secção de federações. Ali apresentou vários estudos sobre o problema industrial, estatístico e aperfeiçoamento da organização sindical.

Organizou o Comité Nacional Revolucionário da C. G. P., órgão que tinha por fim preparar o movimento que eclodiu em 18 de Janeiro de 1934.

Pode-se dizer que foi a figura principal na preparação do já citado movimento.

Não desprezava um alíngue estudava todos os detalhes, não executava nenhum trabalho sem que o Comité se pronunciasse; e observava sempre os princípios federativistas, de que era a cёрrimo defensor.

Percorreu vários pontos do país; e organizou os respectivos comités locais e regionais de acção Revolucionária.

Mário foi preso em 14 de Janeiro de 1934, perdendo o Comité Nacional, com a sua prisão, o seu principal elemento.

Regressando a Lisboa, em Junho de 1931, oferecera-lhe uma colocação bem remunerada. Como essa colocação lhe exaltava os movimentos de militante, ficou a aceitar. Preferiu o lugar de escriptorião a um diário do Perroal de Camaradas recebendo apenas a remuneração de 300x00 mensais, não obstante as horas de trabalho muito além de 6 por dia.

Naquele sindicato realizou um trabalho intenso organizou a biblioteca; monitor a escrita devida presente; e executava todos os trabalhos resultantes das assembleias e das reuniões da Comissão Administrativa.

Em 1932, escreveu um folheto, denominado "A acção dos organismos de transportes em Tróves farmaceuticas sociais" que foi editado nesse ano. O produto da venda desse folheto destinou-o à Solidariedade.